

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

MARIA ISABEL ALBUQUERQUE PEREIRA

RELIGIÃO, GÊNERO E PSICOLOGIA: O imaginário judaico-cristão e a vivência da
sexualidade da mulher

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

MARIA ISABEL ALBUQUERQUE PEREIRA

RELIGIÃO, GÊNERO E PSICOLOGIA: O imaginário judaico-cristão e vivência da sexualidade da mulher

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Dra. Jéssica Queiroga de Oliveira.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

MARIA ISABEL ALBUQUERQUE PEREIRA

RELIGIÃO, GÊNERO E PSICOLOGIA: O imaginário judaico-cristão e vivência da sexualidade da mulher

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador (a): PROF. DRA. JÉSSICA QUEIROGA DE OLIVEIRA

Membro: PROF. ME. TIAGO DEIVIDY BENTO SERAFIM

Membro: PROF. DRA. FRANCIS EMANUELLE ALVES VASCONCELOS

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

RELIGIÃO, GÊNERO E PSICOLOGIA: O imaginário judaico-cristão e a vivência da sexualidade da mulher

Maria Isabel Albuquerque Pereira¹
Jéssica Queiroga de Oliveira²

RESUMO

Percebe-se, atualmente, um crescimento de discursos mobilizadores de misoginia, movimentos masculinistas, assim como a alarmante tendência do estilo de vida de esposas tradicionais (também conhecidas como *TradWives*) disseminada nas redes sociais. Nesse sentido, o presente estudo surgiu da inquietação de que a narrativa religiosa judaico-cristã desempenha um papel na vivência da sexualidade feminina, enquanto produção cultural e simbólica. Assim, a pesquisa teve objetivo compreender a vivência da sexualidade da mulher a partir da representação da mesma na tradição judaico-cristã, através de uma revisão bibliográfica narrativa e com bases de dados virtuais, tais quais Scielo, CAPES, BDTD e Google Acadêmico. Em suma, verificou-se que o simbolismo da mulher na religiosidade cristã é dual e hierárquico, de modo que a dualidade da mulher é determinada pela ausência ou presença de natureza sexual e é frequentemente associada aos outros binarismos, tais como razão/emoção e espírito/corpo. Verificou-se também que a dimensão psicossocial da sexualidade da mulher é conduzida pelo dispositivo social de gênero, não podendo ser dissociada de uma leitura crítica. Foi observado, por fim, a existência de ligação entre a vivência religiosa e a vivência da sexualidade feminina. Ademais, foi notada a necessidade de a Psicologia envolver-se mais na produção de conhecimento referente à religião e sexualidade, visto o seu compromisso ético-político com o combate a toda forma de emprego ou manutenção de opressão.

Palavras-chave: Simbolismo; Judaico-cristão; Mulher; Sexualidade.

ABSTRACT

Currently it is noticed a growth in misogyny mobilizing discourses, masculinist movements, as well as an alarming trend towards the lifestyle of traditional wives (also known as *TradWives*) disseminated on social media. In this view, the present study arose from the concern that the Jewish-Christian religious narrative plays a role in the experience of female sexuality, as a cultural and symbolic production. Thus, the research aimed to understand the experience of women's sexuality based on its representation in the Judeo-Christian tradition through a narrative bibliographic review with virtual databases such as Scielo, CAPES, BDTD and Google Scholar. In short, it was found that the symbolism of women in Christian religiosity is dual and hierarchical, so that women's symbolic duality is defined by the absence or presence of sexual nature and it is often associated with other binaries, such as reason/emotion and spirit/body. It was also found that the psychosocial dimension of women's sexuality is driven by social gender roles, and cannot be dissociated from a critical reading. Finally, the existence of a connection between the religious experience and the experience of women's sexuality was observed. Furthermore, the need for Psychology to become more involved in the production of knowledge relating to Religion and Sexuality was noted, given its ethical-political commitment to combat all forms of employment or maintenance of oppression.

Key-words: Symbolism; Judeo-Christian; Woman; Sexuality.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: bebelap2001@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo Henriques (2013), as sociedades ocidentais possuem uma herança cultural quádrupla: a tradição judaico-cristã, a cultura greco-romana, o Iluminismo³ e Humanismo⁴. Visto que as sociedades ocidentais são atravessadas pela desigualdade de gênero, caracterizada pela relação de poder entre homens e mulheres, os fatores que contribuem para a perpetuação de tal estrutura podem ser verificados na formação histórico-social religiosa (De Lima, 2010). Nesse sentido, a cultura ocidental é significativamente marcada por valores judaico-cristãos, mesmo fora de âmbitos religiosos, e paralelamente é fundamentada em uma estrutura patriarcal de poder, que preconiza a submissão da mulher.

De acordo com Foucault (1988), “a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade [...]”. Nesse sentido, o autor coloca que o controle da sexualidade feminina é uma das ferramentas utilizadas para a manutenção da relação de poder patriarcal e difere significativamente do controle da sexualidade masculina. À vista disso, buscar entender como o sistema simbólico judaico-cristão atua na sexualidade da mulher e seu exercício configura-se enquanto uma temática válida e relevante perante o atual contexto social, bem como perante as ciências sociais que objetivam entender os fenômenos humanos.

Tal relevância mostra-se ainda mais evidente, considerando o surgimento de movimentos ditos ‘masculinistas’, que segundo Amato e Fuchs (2022), caracterizam-se por grupos de homens que compartilham e defendem uma identificação com narrativas misóginas e de supremacia masculina, partindo da ideia de que tal posição é ameaçada pelas mulheres e os supostos valores progressistas do mundo contemporâneo. Os autores também defendem que o surgimento de tais movimentos se dá como uma reação aos movimentos sociais, que expõem a lógica dominante e lutam pelos direitos dos grupos marginalizados, de modo que é percebida uma ameaça ao lugar social do homem branco e cisgênero e os modos de vida tidos como naturais.

Observa-se um crescimento nos discursos mobilizadores de ódio de modo geral, especialmente voltados a grupos sociais marginalizados no atual cenário político e cultural brasileiro (Amato; Fuchs, 2022). Pinheiro-Machado (2019) explica que tais discursos de ódio podem facilitar uma validação e identificação das ideias que fundamentam os movimentos

³Movimento intelectual e cultural originado no século XVII, que desafiou as normas tradicionais da monarquia absolutista e defendeu a razão como principal instrumento de compreensão do mundo (GRESPLAN, 2003).

⁴Movimento filosófico originado no período histórico da renascença, caracterizado pelo resgate da cultura greco-romana clássica e pela visão de mundo antropocêntrica (ACKER, 1992).

masculinistas. Ademais, percebe-se que o movimento de esposas tradicionais tem ganhado cada vez mais visibilidade e popularidade na mídia e redes sociais. Observa-se tal tendência em comunidades de mulheres influenciadoras (também chamadas de *Trad Wives* na língua inglesa) que disseminam e exaltam a volta aos tradicionais papéis de gênero, através de vídeos e postagens cuidadosamente pensadas a partir de um ideal tanto estético quanto ideológico, monetizando os valores conservadores (Sykes; Hopner, 2024).

Em síntese, a temática surgiu da inquietação de que o sistema simbólico e de pensamento judaico-cristão desempenhe um papel no controle da sexualidade da mulher e, conseqüentemente, afete a saúde e bem-estar de tal grupo. A tradição judaico-cristã refere-se, no presente estudo, ao sistema simbólico e de pensamento religioso que atravessa as sociedades ocidentais enquanto produto cultural. A vivência da sexualidade da mulher refere-se à dimensão psicossocial da sexualidade. Nesse sentido, a pesquisa tem a seguinte pergunta de partida: “Como a representação simbólica da mulher no sistema de pensamento judaico-cristão atravessa a vivência da sexualidade feminina?”.

Portanto, o estudo tem como objetivo geral compreender a vivência da sexualidade da mulher a partir da representação feminina na tradição judaico-cristã. Para tal tem-se como objetivos específicos distinguir a representação da mulher no imaginário judaico-cristão, expor a dimensão psicossocial da sexualidade feminina, elucidar a relação da representação cristã da mulher com a vivência da sua sexualidade e, por fim, explorar a atuação da psicologia diante da problemática.

É importante ressaltar que o termo ‘mulher’ é abrangente e compreende diversas formas de vivenciar a mulheridade, isto é, as mulheres possuem experiências significativamente distintas em um sistema patriarcal, a depender de fatores concernentes à etnia, classe social, identidade e orientação de gênero. Dito isso, é fundamental apontar que escopo da pesquisa engloba as vivências da mulher branca, cis e heterossexual.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica acerca da representação da mulher na tradição judaico-cristã e sua relação com a vivência da sexualidade. A metodologia empregada no referido estudo é caracterizada enquanto exploratória por seus objetivos, qualitativa pela abordagem do problema e bibliográfica

narrativa pela fonte de informação. Tais fontes incluem livros, artigos e revistas científicas que apresentam a temática escolhida.

No que concerne aos objetivos exploratórios, Gil (2008) expõe que as pesquisas exploratórias têm como principal objetivo desenvolver uma visão geral acerca dos problemas de pesquisa, a fim de aproximar-se do tema e elucidar os conceitos e ideias que o atravessam. Nesse sentido, o autor conclui que tais pesquisas podem constituir uma primeira etapa em uma investigação mais abrangente, principalmente quando a temática designada ainda necessita de esclarecimento e delimitação. Assim, as pesquisas exploratórias comumente produzem uma problemática mais delimitada e passível de uma investigação mais sistematizada.

No que diz respeito a abordagem qualitativa, este é um tipo de pesquisa que busca investigar os fenômenos humanos e sociais sem o levantamento de dados quantitativos, bem como objetiva analisar experiências de indivíduos ou grupos, examinar interações e comunicações sociais ou investigar documentos, imagens, textos, filmes ou música (Gibbs, 2009). Tal tipo de pesquisa é desenvolvida a partir do domínio dos significados, aspirações, valores e crenças, isto é, trabalha com elementos que não podem ser quantificados ou totalmente compreendidos por variáveis matemáticas (Taquette; Borges, 2021).

No que tange às fontes de informação bibliográficas, essas são caracterizadas por desenvolverem-se a partir de materiais já existentes, tais como livros e artigos científicos (Gil, 2008). O trabalho de revisão bibliográfica é comum na maior parte das pesquisas e é elaborado exclusivamente de fontes bibliográficas, de modo que o pesquisador pode realizar uma investigação abrangente do fenômeno em questão (Gil, 2008). A revisão bibliográfica narrativa constitui uma síntese narrativa de informações previamente publicadas, sem o compromisso de explicar a seleção dos materiais ou aderir aos rígidos protocolos da revisão sistemática (Ribeiro, 2014).

Dado que a pesquisa bibliográfica demanda o levantamento de materiais, foram utilizadas prioritariamente bases de dados virtuais, tais quais Scielo Brasil, a plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico, tendo como palavras-chave: Imaginário, Símbolo, Judaico-cristão, Sexualidade, Mulher. O material utilizado inclui artigos de periódicos, livros, trabalhos de conclusão de curso, dissertação de mestrado e teses de doutorado. Dentre estes foram incluídos materiais em língua portuguesa e inglesa, bem como textos disponíveis na íntegra e que abarcam a temática delimitada. Foram

desconsiderados textos nas demais línguas estrangeiras e textos referentes a religiões não-cristãs.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 O imaginário judaico-cristão e a representação simbólica da mulher

A simbologia possui papel basilar na construção das sociedades devido à necessidade humana de buscar explicações para o mundo e a vida existente, isto porque os símbolos constituem ferramentas essenciais para a criação de configurações mentais que atribuem sentido à existência humana e, com base em tal entendimento, a historiadora Gerda Lerner (2019) aponta que, a partir do período em que as civilizações humanas passaram a cultivar a capacidade de criar grandes sistemas de símbolos, linguagem e conceituações, as mulheres, enquanto grupo, já encontravam-se em posição de desigualdade política e social.

Nesse sentido, apesar da existência de civilizações antigas, nas quais a figura da mulher possui certo poder simbólico, as mulheres, enquanto grupo, estiveram em ampla desvantagem no processo de criação de símbolos desde o início, assim como a marginalização das mulheres nesse processo de criação simbólica tornou-se completa e institucionalizada a partir do desenvolvimento do monoteísmo hebraico e a consolidação do sistema patriarcal (Lerner, 2019). Ainda de acordo com a mesma autora, a construção do monoteísmo no Livro de Gênesis também define as mulheres enquanto seres essencialmente diferentes dos homens e representa sua sexualidade de modo positivo, apenas dentro dos limites da dominação patriarcal, bem como não reconhece a mulher enquanto capaz de representar o princípio divino.

Segundo Ferrentini (2007), a religiosidade e as atitudes religiosas manifestam-se principalmente através da simbologia, isto é, a realidade simbólica é um dos mais importantes meios para a compreensão da religião. Desse modo, faz-se necessário analisar como o simbolismo judaico-cristão se estrutura. O monoteísmo judaico apresenta uma visão de mundo dualista, o que implica que seus conceitos são estruturados a partir de binômios, símbolos antagônicos, opostos e excludentes, havendo também uma relação de poder de um sobre o outro (Ciommo, 2003).

Ramalho (2016), considera que através da análise da cosmogonia hebraica, é possível observar essa estrutura dual a partir de uma ordem de pares de opostos e destaca alguns dos binômios mais importantes no pensamento dicotômico, identificados respectivamente

enquanto dominadores e dominados, estes são: Masculino e Feminino, Cultura e Natureza, Humano e Não humano, Espírito e Corpo, Razão e Emoção, Civilizado e Primitivo, Religião e Magia, Público e Privado e, por fim, Eu e Outro. O mesmo autor acrescenta que é possível que equívocos de tradução, provavelmente influenciados por uma leitura dualista das escrituras hebraicas, tenham intensificado a interpretação patriarcal do mito cosmogônico e evidenciando a relação de poder entre os gêneros, porém o autor conclui que, independentemente de erros de tradução e interpretação, a cosmogonia hebraica ainda reflete um caráter essencialmente androcêntrico - caráter este que foi herdado pela doutrina cristã posteriormente.

Nesse sentido, Ruether (1974) conclui que há nestas dualidades uma alienação do corpo em favor da mente, bem como a busca pela dominação da natureza em favor do espírito ou a rejeição de tudo o que é pertencente ao feminino em favor do masculino e assim por diante. De acordo com a mesma autora, a tradição judaica-cristã não é um sistema que envolve apenas o moralismo e religiosidade expressos na bíblia, mas também tem como alicerce a filosofia e ciência da Grécia clássica e é esta influência bicultural que forma o imaginário judaico-cristão, isto é, o cristianismo contemporâneo, enquanto herdeiro do neo-platonismo clássico⁵ e judaísmo apocalíptico, estrutura-se em um sistema único: a partir da figura do Deus guerreiro masculino e da exaltação do intelecto sobre o corpo. Desse modo, as dualidades citadas acima e suas relações de poder tem origem na herança apocalíptico-platônica do cristianismo.

Deifelt (2013) confirma que as mulheres eram, no contexto greco-romano, associadas à irracionalidade, à natureza, ao silêncio, ao privado e ao corpo, enquanto os homens eram identificados pela razão, cultura, discurso, público e mente, havendo uma clara predileção e exaltação, se não superioridade das categorias ditas masculinas. A linha de pensamento dual e da desigualdade dos gêneros foi corroborada e ampliada por Aristóteles, ao argumentar em favor da inferioridade biológica da mulher e de suas capacidades racionais, fundamentado na ideia de que a mesma é um homem incompleto, destituída do princípio de alma e, no processo de procriação, é um receptáculo passivo, que em nada contribui para o processo de criação: Aristóteles torna a narrativa mítica e teológica da origem da vida humana, uma narrativa filosófica e política, elevando-a ao nível de ciência, fundamentada em um sistema de

⁵Corrente filosófica fundamentada no pensamento de Platão que busca explicar a realidade a partir do conceito de Uno (Unidade absoluta), que é o princípio e origem de todas as coisas. A primeira manifestação do Uno é o intelecto, onde reside a razão (REALE, 2008).

pensamento de vasto alcance (Lerner, 2019). Deste modo, a herança neo-platônica imprimiu validade filosófica e científica ao binarismo de gênero presente na mitologia hebraica.

No que diz respeito ao simbolismo da mulher na mitologia judaica-cristã, faz-se necessário analisar a narrativa do monoteísmo hebraico. Simbolicamente, a narrativa bíblica parte do princípio de que o universo foi criado por um único Deus e a sua vontade, Deus este que, além de reter todo o poder da criação, também é invisível e inefável, bem como segundo a sua vontade, homens e mulheres foram criados essencialmente diferentes, a partir de materiais diferentes (Lerner, 2019). Ainda de acordo com a autora, Deus realizou um contrato com o povo hebreu, uma aliança divina formada unicamente com os homens, de modo que as mulheres apenas podem fazer parte de Sua aliança, exclusivamente através da mediação masculina - proposição constatada na exclusão das mulheres do sacerdócio e do aprendizado religioso. Portanto, o monoteísmo judaico, além de afirmar a diferença intrínseca entre homem e mulher, coloca o primeiro em posição privilegiada na comunicação direta com o divino e atribui unicamente a sua figura o dom da criação e da vida.

Deste modo, é possível compreender o simbolismo que envolve a figura feminina: a mulher é associada ao corpo, às paixões, às emoções, à desordem e à incompletude. Porém, vale notar que, no próprio imaginário cristão, a mulher também é representada de maneira dual. Bastos (2017), coloca que existem, em meio a religiosidade cristã, modelos de feminilidade estruturadas em uma dicotomia: a figura ideal da mulher boa e a figura repreensível da mulher má, protagonizadas por Maria e Eva, respectivamente.

Segundo Bastos (2017), ao passo que Eva, a primeira mulher, é símbolo do pecado, da desobediência, da fraqueza, da origem do mal e da queda, Maria, o ideal de mulher dentro do patriarcalismo, é redentora do pecado através de sua submissão, recato e maternidade divina e através do seu culto é representado o caminho que as mulheres devem seguir para a redenção, caminho este que casa com as regras e limites da estrutura de poder patriarcal.

Porém, segundo Chauí (1984), o termo sexo, durante muito tempo, referia-se exclusivamente a figura da mulher, de modo que estas não tinham um sexo e sim eram a própria simbolização do sexo. Por conta dessa vinculação entre mulher e sexo, as mulheres eram representadas enquanto figuras da maldade, busca desenfreada pelo prazer e corruptoras dos espíritos dos homens, de modo que precisavam ser controladas e vigiadas, porém, no século XIX, a representação da feminilidade consiste na mulher enquanto assexuada, casta, feita para a maternidade e não para o sexo, de modo tão categórico que por pouco, nega a declaração inicial - nota-se que ambas as representações simbólicas da mulher são definidas

pela sexualidade, de um modo ou de outro: esposa, mãe, prostituta ou freira, as figuras femininas são exclusivamente definidas em termos sexuais.

Nesse sentido, é válido compreender a simbolização do sexo no sistema de pensamento cristão. O sexo em si, nesta simbologia, é vinculado a ideia de corporeidade, isso pois é através do sexo que se descobre o que é possuir um corpo, desejar e necessitar, o que o torna condenável: ter um corpo, sinônimo de ter uma vida sexual, sinaliza a mortalidade e a finitude humana, assim como possibilita a procriação de mais seres finitos, ao passo que a virgindade, no entanto, é símbolo não só de pureza, mas de vitória sobre a morte ao matar simbolicamente o próprio corpo e negar o desejo (Chauí, 1984). É perceptível que, na ótica ocidental e cristã, a vivência da sexualidade da mulher se dá a partir desses dois caminhos simbólicos e não apresenta espaço para o seu livre exercício.

Vale ressaltar o quanto tais símbolos podem alterar-se a depender do contexto histórico, cultural e espacial (Chauí, 1984). O culto popular a Maria apresentou, a partir de análise etnográfica, potencialidade de resistência à opressão simbólica, de modo que o simbolismo de Maria pode também significar força e poder diante de um mundo masculino (Campos; Nascimento, 2013). Logo, as representações simbólicas possuem plasticidade e nuance, sendo passíveis de transformação e de diversas interpretações.

2.2.2 A dimensão psicossocial da sexualidade da mulher

Sobre a sexualidade, a OMS (2006) define que a mesma constitui uma qualidade fundamental da experiência humana e abrange diversos aspectos, isto é, a sexualidade não diz respeito somente ao sexo, mas também às identidades, às orientações e aos papéis de gênero, à intimidade, ao prazer e à reprodução, compreendendo as dimensões biológica, social, psicológica, cultural e religiosa da vivência humana. A partir de tais definições, é nítido que o conceito de sexualidade é amplo e complexo, de modo que abordar a vivência da sexualidade da mulher demanda a exploração dos seus diversos aspectos. Assim, foi delimitada na referida pesquisa, a análise dos fatores psicológicos e sócio-culturais da sexualidade feminina.

No que diz respeito às teorias do desenvolvimento humano, estas foram em maior parte formuladas a partir de estudos feitos somente com homens ou colocando como norma a experiência masculina, de modo que as singularidades do desenvolvimento experienciado pelas mulheres não foram levadas em consideração, isto porque do momento em que nascem, homens e mulheres são socializados de maneira particular e, nesse sentido, o seu

desenvolvimento psicossocial se dá de modo distinto, em que as mulheres são estimuladas a priorizar as relações interpessoais e as atividades de cuidado (Gilligan, 2003).

Segundo Chodorow (1974), a disparidade no desenvolvimento de homens e mulheres origina-se no fato de as últimas assumirem, predominantemente, o papel de cuidadoras primárias das crianças na estrutura familiar e, a partir da relação mãe e filha, as meninas internalizam papéis de gênero, bem como constroem um senso de identidade e personalidade marcado pela relação com o outro, ao passo que o desenvolvimento de meninos é atravessado pela individuação e diferenciação do outro - característica que teóricos destacam frequentemente como marco do desenvolvimento humano.

Logo, a identidade de gênero feminina é definida geralmente pelo apego e ameaçada pela separação do outro, de modo que, grande parte das mulheres possui dificuldades com a individuação, algo que é interpretado por teóricos do desenvolvimento como uma dificuldade do processo de desenvolvimento em si, pois tais teorias equiparam o desenvolvimento com a diferenciação e o fortalecimento do senso de identidade, sem levar em conta que a socialização experienciada por mulheres promove o contrário (Gilligan, 2003). Ainda de acordo com a autora, apesar do desenvolvimento singular das mulheres não ser indicativo de dificuldades de desenvolver-se, estas são socializadas para performar um papel de gênero que envolve ser, primordialmente, apoiadora e cuidadora dos homens, definindo suas identidades a partir das necessidades deles.

Este papel de gênero pode ser exemplificado no fato de que as mulheres, além de contribuir financeiramente, gastam o dobro do tempo, semanalmente, com as atividades domésticas e cuidados parentais em comparação aos homens - tal trabalho se repõe constantemente, resultando em tempo e energia insuficientes para dedicar-se a outras atividades (Silva; Parrião, 2021). Portanto, ainda de acordo com a autora, tal configuração de gênero causa prejuízos na saúde das mulheres, bem como na sua vida social e política.

A socialização de gênero, conseqüentemente, promove uma vivência distinta da sexualidade entre homens e mulheres, de modo que as mulheres possuem dificuldades para o exercício da sua sexualidade nas esferas pessoal, familiar e social, demonstrando que as questões de gênero estão diretamente ligadas ao exercício da sexualidade feminina, pois o controle da sexualidade e capacidade reprodutiva da mulher é característico de um sistema social patriarcal, no qual a sexualidade da mulher é subordinada e invisibilizada diante de ordenamentos sociais que demandam a repressão da manifestação de desejo e satisfação sexual, impedindo o seu livre exercício (Vieira; Zanuzzi; Amaral, 2016). Ainda segundo os

autores, diante de tal conjuntura, as religiões, enquanto instituições, realizaram papel significativo na disseminação do controle e das restrições.

Segundo Zanello (2018), o dispositivo amoroso e materno constitui o caminho privilegiado de tornar-se mulher. Sobre o primeiro, a autora coloca que, a subjetivação da mulher realizada a partir deste, baseia-se na construção de senso de si mediado pelo preterimento masculino, isto é, a identidade das mulheres e seu valor enquanto mulher requer, muitas vezes, ser a escolhida de um homem, este eleito avaliador do corpo e da moral das mulheres. Ainda segundo a autora, em decorrência deste modo de subjetivação, o exercício da sexualidade é mediado também pela escolha masculina, de modo que o corpo feminino é, muitas vezes, utilizado enquanto objeto de barganha para ganhar e/ou manter o preterimento dos homens.

Utiliza-se a metáfora da prateleira do amor para exemplificar como ocorre a subjetivação feminina no dispositivo amoroso: as mulheres encontram-se na prateleira amorosa a espera da escolha de um homem; e constantemente avaliadas e medidas por rigoroso ideal estético, de modo que as mulheres brancas, magras e jovens possuem a melhor posição na prateleira (Zanello, 2022). Portanto, nota-se que o dispositivo de gênero não somente interfere no exercício pleno da sexualidade, mas sobretudo fundamenta sua dimensão psicossocial.

2.2.3 A vivência da sexualidade e a representação cristã da mulher

A sexualidade também é um processo simbólico e sujeito a códigos, de modo que a simbolização é imprescindível para a sua constituição e, é através da mesma que a cultura procura controlar as expressões da sexualidade - um processo no qual as religiões envolveram-se, colocando o sexo enquanto responsabilidade da moral religiosa e demarcando limites para a expressão sexual, entre o pecaminoso e não-pecaminoso (Chauí, 1984).

Mesmo dentro dos limites de uma relação conjugal monogâmica e heterossexual existem restrições simbólicas para o exercício do sexo: historicamente a instituição religiosa delimitou o espaço da conjugalidade para fins de reprodução, bem como prevenção para o pecado da luxúria, delimitação esta que restringe as práticas e dinâmicas sexuais aceitas dentro da formalidade do matrimônio e ainda encontra-se presente nos discursos contemporâneos (Matthews-Grieco, 2009).

Segundo Araújo e Zanello (2024), a diminuição do desejo sexual entre mulheres em relacionamentos heterossexuais prolongados é um dado reconhecido tanto na literatura

científica internacional, quanto nacional. Em relacionamentos prolongados, com mais de um ano de duração, investigou-se que cerca de 90% das mulheres apresentam diminuição significativa do desejo sexual, não retornando de modo espontâneo à fase de desejo, de modo que a vida sexual destas é motivada pelo desejo do parceiro e pela possibilidade de fortalecer o vínculo afetivo (Basson, 2000).

Foram elencados, para a realização de uma análise de conteúdo, três fatores para explicar essa falta considerável de desejo sexual em mulheres e estes são: criação e educação sexista, relacionamentos amorosos marcados por assimetria e dilemas da maternidade, dentre os quais o primeiro diz respeito à atuação da religião e da cultura no desenvolvimento subjetivo e sexual da mulher, de modo que foi constatado que a maneira particular de vivenciar a religiosidade pode influenciar substancialmente na formação de conceitos introjetados sobre o sexo (Araújo; Zanello, 2024). No que concerne os credos religiosos mais populares no Brasil (catolicismo, protestantismo e espiritismo), as autoras apontam ainda, que todos possuem orientações precisas diante do comportamento sexual, fundamentadas, com maior ou menor evidência, em um evento moralizante que restringe o sexo ao afeto - restrição esta que vai desde a proibição do sexo fora do matrimônio à necessidade de possuir laços afetivos com o parceiro para usufruir da vida sexual.

No que concerne à chegada da maternidade, as autoras apontam que a diminuição do desejo sexual pode ocorrer devido à dificuldade de conciliar as identidades de mãe e mulher, isto é, o exercício da maternidade e o exercício do desejo são entendidos como dinâmicas opostas e inconciliáveis. A figura da mãe é, geralmente, associada à abnegação e docilidade, bem como espera-se um investimento descomunal ao exercício da maternidade - algo difícil de equilibrar com individualidade (Zanello, 2018). Ao considerar que a idealização da maternidade é amplamente disseminada no discurso pertencente à tradição judaico-cristã, através da figura de Maria, infere-se que a simbolização religiosa também pode validar a repressão do desejo feminino.

A instituição religiosa funciona enquanto um sistema de poder estruturante, que dita e reforça regras de conduta social (Macedo, 2021). Nesse sentido, é válido compreender como a religiosidade realiza esse papel estruturante através da simbolização. Segundo Bourdieu (2005), o poder simbólico constitui a faculdade de construção da realidade, capacidade esta que necessita da concordância no meio social, isto é, a construção da realidade social, para realizar-se, demanda um consenso acerca do sentidos produzidos - os símbolos são as ferramentas utilizadas para alcançar tal integração social, tornando-se elementares para a reprodução da ordem estabelecida.

O autor também utiliza o termo violência simbólica para designar as ações e asserções de dominação sutis, naturalizadas e que passam despercebidas, pois ocorrem no campo do simbolismo, nos processos de comunicação ou de conhecimento, bem como é exercida com a cumplicidade dos sujeitos subjugados (Bourdieu, 2007). O autor reforça que o simbólico empregado na dominação se dá fora do controle da consciência e da vontade, pois é uma dinâmica silenciosa: e qualquer tipo de oposição é dificilmente realizada. A teoria da dominação masculina de Bourdieu aponta que a própria diferença e oposição entre os sexos se dá e é legitimada simbolicamente, imitando as diversas oposições do sistema de pensamento ocidental e associando o feminino à emotividade, à fraqueza e à falta - algo que resulta em significativa restrição do poder de ação e protagonismo das mulheres (Silva; Oliveira, 2017). O poder simbólico, então, está no âmago dos papéis, regras de conduta, leis, legitimações e proibições de gênero, e é responsável pela naturalização das relações de poder.

Como foi apresentado anteriormente, o simbolismo religioso, especificamente o imaginário judaico-cristão, constitui um construto basilar da cultura ocidental, sendo perceptível a influência deste para a legitimação da diferença e hierarquia de gênero. Segundo Heilborn e Cabral (2013), os valores e simbolizações cristãs, que influenciam a sociedade brasileira formam rígidos códigos de conduta fundamentados no dispositivo de gênero - uma vez internalizados, aqueles permanecem restringindo o desejo mesmo quando o sexo é socialmente aceito, isto é, após o matrimônio. Porém, o autor ressalta que, mesmo sob tais códigos de conduta, o exercício do desejo sexual pode variar, a depender do grau de reflexividade e internalização destes símbolos pelas mulheres.

Neste sentido, é perceptível que o simbolismo e o pensamento religioso possuem um papel de destaque na validação do dispositivo social de gênero e, ao exercer esse papel, ele naturalizam uma perspectiva limitada da sexualidade da mulher, o que impacta no pleno exercício de seu corpo.

2.2.4 Gênero e religião: o posicionamento ético da Psicologia frente à problemática

A religiosidade, como foi visto anteriormente, não é o único campo envolvido na simbolização da sexualidade. Segundo Foucault (1988), a passagem do sexo do domínio da religião para o domínio científico não alterou de fato a simbolização religiosa da sexualidade, pois, no contexto científico, onde supostamente não existem juízos de valor, ainda há uma busca por administrar o sexo. A sociedade ocidental deu início à “ciência sexual”, isto é, a busca por um entendimento criterioso do sexo e seu funcionamento para melhor controlá-lo e

tornando-o uma questão pertencente à saúde pública a ser lidada com uma objetividade científica e higienista, algo que resultou na invisibilização de outras realidades histórico-culturais, propondo uma universalidade da conceituação da sexualidade (Chauí, 1984).

A autora também aponta que foram utilizados preceitos religiosos, juntamente com conhecimentos da ciência médico-hospitalar e com a psicologia racional para a delimitação de regras referentes às relações sexuais responsáveis e “limpas”, evidenciando o papel das ciências psicológicas na medicalização do sexo, isto é na delimitação entre a sexualidade patológica e sexualidade “normal”. Assim, é fundamental compreender como a Psicologia se posiciona diante da problemática apresentada, levando em conta o seu compromisso ético-político com as populações oprimidas.

A maior parte das pesquisas sobre sexualidade da mulher, na literatura científica nacional, utiliza o critério biológico, referente a condições ou doenças físicas, para a coleta e interpretação dos dados, isto é, o impacto da subjetividade e dos papéis sócio-culturais de gênero é menos investigado (Araújo; Zanello, 2022). As autoras evidenciam que queixas referentes à diminuição do desejo sexual são constantes tanto em consultórios de ginecologia, quanto de psicoterapia e, no entanto, elas concluem que há uma escassez de pesquisas sobre a sexualidade feminina realizadas por profissionais da Psicologia, indicando a necessidade da área de investir mais na temática.

Também é válido destacar que a relação entre as temáticas religiosas e o campo do saber psicológico possui desafios, entre eles, a negligência que a primeira frequentemente sofre no âmbito acadêmico, decorrente da busca da Psicologia por validação científica, ou seja, a necessidade de reconhecimento da área, enquanto ciência e profissão, resultou no distanciamento de temáticas que divergem muito do escopo da ciência tradicional (Angerami, 2022). O autor critica, de modo contundente, a posição dogmática e cientificista da academia, e aponta que tal atuação não se resume à negligência, mas compreende também uma tentativa de patologizar a vivência religiosa. Nesse sentido, é perceptível que a relação entre a Psicologia, enquanto campo científico, e religiosidade possui impasses no estudo, produção acadêmica e manejo prático de temáticas religiosas.

Tal averiguação da relação entre o campo da Psicologia e as temáticas destacadas é fundamental para a compreensão da posição da área frente à problemática apresentada no trabalho. Segundo Coimbra e Nascimento (2001), dado que a emergência da ciência psicológica se deu em meio a revolução industrial e científica e foi fortemente influenciada

pelos valores de tal período; a formação da Psicologia foi atravessada pela busca por verdades universais e ahistóricas, através da apreensão objetiva da realidade.

Ainda segundo os autores, tal busca pela essência do objeto de estudo firmou-se no binarismo e na ideia de primazia da racionalidade, produzindo exclusões sistemáticas de conhecimentos à margem de tais critérios e encerrando cada campo do saber em si mesmo. Nesse sentido, os autores apontam para a dicotomia entre Psicologia e Política, áreas geralmente entendidas enquanto categorias de natureza opostas e inconciliáveis, pois, a primeira, enquanto ciência objetiva não deve dialogar com a subjetividade e portanto, não deve possuir relação com a política.

Em concordância, Dimenstein (2001) aponta que, historicamente, a Psicologia manteve uma postura apolítica e alheia a realidade social, o que resultou em inúmeras práticas atravessadas por negligência e pela psicologização de problemas sociais, pois aquelas são dissociadas das especificidades socioculturais dos sujeitos. Sawaia (2009), reitera a necessidade da Psicologia clínica de atentar para o sofrimento ético-político, que emerge a partir das relações e estruturas de poder e é experienciado por diversos grupos minoritários. Nesse sentido, entre os princípios fundamentais destacados no Código de Ética do Psicólogo encontra-se o princípio dois, que afirma: “O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP, 2005).

Assim, mesmo em vista da história da ciência psicológica, observa-se transformações constantes no campo, que se dão, principalmente, a partir dos movimentos de reforma sanitária⁶ e da luta antimanicomial⁷ (Yamamoto; Oliveira, 2010). Nesse sentido, diversas ações e equipamentos voltados para o enfrentamento de violência contra a mulher foram instituídos desde a década de 70; e tal produção de políticas públicas especializadas envolveu a participação da Psicologia (Souto; Castelar, 2020).

Apesar do reconhecimento do compromisso ético-político da Psicologia e dos diversos serviços que propõem intervir no sofrimento ético-político das mulheres, é válido notar que há uma carência de pesquisas sobre papéis de gênero e sexualidade no campo, uma problemática que, possivelmente, origina-se em lacunas da formação acadêmica, isso pois, as

⁶Movimento político originado nas décadas de 1970 e 1980 que objetivou reformar o sistema de saúde brasileiro, marcado por profundas deficiências no atendimento das populações de classes mais pobres, e preconizou a universalização da saúde (PAIM, 2008).

⁷Movimento social de reação não apenas contra os sistemas de manicômios e hospitais psiquiátricos, mas sobretudo contra a lógica manicomial de exclusão do “louco”, buscando a inserção e integração das pessoas acometidas por transtornos mentais à sociedade (LÜCHMANN; RODRIGUES, 2007).

dadas matrizes curriculares geralmente não destacam a temática (De Paula; Porto; Carvalho, 2019). Portanto, a conjuntura apresentada exige uma atuação mais politicamente engajada da Psicologia e dos seus profissionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lerner (2019) afirma que o maior desafio das mulheres pensadoras é o de rejeitar a necessidade de aprovação masculina e cultivar o que nomeia de húbri intelectual, isto é, de tomar para si o direito de reordenar o mundo, de ousar fazer parte de sua construção. A vista disso, nota-se a relevância de compreender as narrativas religiosas envolvidas na vivência psicossocial da sexualidade da mulher, isso pois não é possível construir uma nova simbologia sem antes considerar o sistema de pensamento vigente.

Apoiada em tal entendimento, a presente pesquisa objetivou realizar uma revisão da literatura científica acerca da simbolização cristã da figura feminina e sua atuação na vivência da sexualidade da mulher, a fim de evidenciar e analisar os principais estudos sobre a temática. A partir da verificação da bibliografia foi possível perceber que a religiosidade judaica-cristã atribui um simbolismo singular à figura da mulher, delimitando o seu papel na sociedade através de uma estrutura simbólica dicotômica, na qual a sexualidade é o elemento fundante.

Nesse sentido, as pesquisas selecionadas concluem, predominantemente, que há uma ligação entre a vivência religiosa cristã e a vivência da sexualidade da mulher, pois a primeira, histórica e culturalmente, delineou os limites do comportamento sexual. A maioria dos estudos também indica que a religião, enquanto instituição, mas também enquanto produto cultural, atuou e atua na disseminação e sustentação da estrutura de poder patriarcal e o dispositivo de gênero.

Foram observadas lacunas na literatura, referentes ao papel do simbolismo religioso na sexualidade da mulher, de modo que em sua maioria, as pesquisas concentram-se na atuação da instituição religiosa e não no seu sistema simbólico. Do mesmo modo, constatou-se uma carência de pesquisas acerca do impacto psicológico da simbolização religiosa cristã nas mulheres, o que indica a necessidade do saber psicológico de implicar-se mais na problemática.

Quanto ao primeiro objetivo específico, a presente pesquisa concluiu que a estrutura do simbolismo judaico-cristão é dual e hierárquica, na qual é delimitada a figura da mulher boa e da mulher ruim e é ilustrado o caminho de vida ideal e o caminho de vida repreensível

que as mulheres podem tomar. Também foi verificado que ambas as figuras femininas são definidas pela ausência ou presença de natureza sexual e são frequentemente associadas a outros binarismos, tais quais razão/emoção e espírito/corpo. Verificou-se, quanto aos segundo objetivo específico, que a dimensão psicossocial da sexualidade da mulher é conduzida pelo dispositivo social de gênero, não podendo ser dissociada de uma leitura crítica. Foi observado, referente ao terceiro objetivo específico, a existência de ligação entre a vivência religiosa e a vivência da sexualidade da mulher. Por fim, concluiu-se a necessidade de a Psicologia envolver-se mais na produção de conhecimento referente à religião e à sexualidade, visto o seu compromisso ético com o combate a toda forma de emprego ou manutenção das opressões.

Ademais, é necessário ressaltar que a presente pesquisa se debruçou sobre a vivência da sexualidade da mulher de modo abrangente, sem aprofundar-se nas nuances das diversas experiências singulares de mulheres que encontram-se em outros grupos de minoria, tais quais as mulheres negras, mulheres homoafetivas, mulheres transsexuais e não-binárias, bem como mulheres que fazem parte de outros credos e religiões para além do Cristianismo. Nesse sentido, a pesquisa limitou-se à experiência normativa da mulher branca, cis e heterossexual, porém, reconhece a existência da imensa diversidade que reside na vivência da mulheridade.

Portanto, para o maior entendimento da temática, é imprescindível a produção de pesquisas qualitativas que voltem o olhar para a problemática da simbolização, bem como para a temática da vivência psicossocial da sexualidade das mulheres, reconhecendo também a diversidade de experiências existentes dentro deste grupo. Em síntese, a presente pesquisa ofereceu uma perspectiva abrangente da problemática e indicou os pontos que necessitam de maior consideração da comunidade científica e do campo da Psicologia.

REFERÊNCIAS

ACKER, T. **Renascimento e Humanismo**. 12 ed. Atual, 1992.

AMATO, B.; FUCHS, J. J. B. DISCURSOS DE ÓDIO DE GÊNERO E SUBJETIVAÇÃO: ARTICULAÇÕES ENTRE MASCULINISMO E EXTREMA-DIREITA. **Violência e Gênero: análises, perspectivas e desafios**, p. 77–92, 2022.

ANGERAMI (Org.). **Psicologia e Religião**. 2. ed. [s.l.] Artesã, 2022.

ARAÚJO, G.; ZANELLO, V. Sexual desire in Brazilian women: an integrative review of scientific literature. **Estudos de Psicologia**, v. 39, 2022.

- ARAÚJO, G.; ZANELLO, V. SÓ QUERO CARINHO: MULHERES E DESEJO SEXUAL EM RELACIONAMENTOS PROLONGADOS. **Psicologia em Estudo**, v. 29, n. 1, 27 mar. 2024.
- BASSON, R. The Female Sexual Response: A Different Model. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v. 26, n. 1, p. 51–65, jan. 2000.
- BASTOS, A.S.M. O parto masculino: as relações entre o sagrado e o feminino e a criação de Eva na tradição judaica e cristã. **Revista Veredas da História**, v. 10, n. 1, 2 ago. 2017.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad: Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMPOS R.B.C.; NASCIMENTO J.I.JR. Em Juazeiro do Norte, Nossa Senhora é Deus-mãe: um feminismo mariano?. **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 2, p. 174–197, 1 dez. 2013.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)conhecida. 1. ed. São Paulo - SP: Brasiliense, 1984. p. 9–232.
- CHODOROW, N. Family Structure and Feminine Personality. Em: **Woman, Culture and Society**. Stanford, California: Stanford University Press, 1974.
- CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 423–443, dez. 2003.
- COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L.. O Efeito Foucault: Desnaturalizando Verdades, Superando Dicotomias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 245–248, set. 2001.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org.). **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, agosto de 2005.
- DEIFELT, W. Corporeidade como Ponto de Encontro entre a Teologia Feminista e o Ecofeminismo. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, v. 11, n. 2, p. 109–122, 2013.
- DE LIMA, R. L. **O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres**. 2010. Disponível em: https://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoraltrabc_ompletoGenero.pdf. Acesso em: 09/04/2024.
- DE PAULA; PORTO; CARVALHO. Um Sobrevoô pelo Estado da Arte sobre Gênero e Sexualidade na Pesquisa. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe3, 1 jan. 2019.
- DIMENSTEIN, M. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. **Psicologia em Estudo**, 6(2), 57-63. 2001.
- FERRENTINI, M. L. **O Símbolo e a Crença. A centralidade simbólica nos sistemas religiosos do Judaísmo e do Cristianismo** - História, Significação e Atualidade. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p. 113, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I : a vontade de saber**. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1988.
- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos: Coleção Pesquisa Qualitativa**. [s.l.] Bookman, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILLIGAN, C. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge, Massachusetts; Londres, Inglaterra: Harvard University Press, 2003.
- GRESPLAN, J. **Revolução Francesa e Iluminismo**. São Paulo: Contexto, 2003.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. DA S. Youth, gender and sexual practices in Brazil. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 33–43, 2013.

HENRIQUES, A. R. A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL FRENTE À PÓS-MODERNIDADE: UMA ANÁLISE DE VALORES. **SÉCULO XXI: Revista de Relações Internacionais - ESPM-POA**, v. 4, n. 1, p. 105–116, 2013.

LERNER, G. **A Criação do Patriarcado**. [s.l.] Cultrix, 2019.

LÜCHMANN; RODRIGUES. O movimento antimanicomial no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 2, n. 2, p. 399-407, abr. 2007.

MACEDO, M. D. S. **O impacto da religiosidade cristã na Sexualidade da Mulher Cis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Centro Universitário Luterano de Palmas. Palmas, p. 29, 2016.

MATTHEWS-GRIECO, S. F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: **História do corpo: da renascença às luzes**. Tradução: Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2009.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Sexual health**. Genebra: 2006. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2. Acesso em 31/05/24.

PAIM, J. S. **Reforma Sanitária Brasileira: contribuição para a compreensão e crítica**. Fiocruz, 2008.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 28 maio de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>. Acesso em: 09/04/2024.

RAMALHO, E. Raízes culturais do pensamento dualista cristão: Uma análise ecofeminista / Cultural origins of the Christian dualistic thinking: An ecofeminist analysis. **PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 7, n. 2, jul-dez, p. 336–346, 9 dez. 2016.

REALE, G. **História da filosofia grega e romana (Vol. VIII): Volume VIII: Plotino e o Neoplatonismo: 8**. Loyola, 2008.

RIBEIRO, J. L. REVISÃO DE INVESTIGAÇÃO E EVIDÊNCIA CIENTÍFICA. **Psicologia, Saúde & Doença**, v. 15, n. 3, nov. 2014.

RUETHER, Rosemary Radford. **Religion and Sexism: Images of woman in the Jewish and Christian Traditions**. New York: Simon and Schuster, 1974.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364–372, dez. 2009.

SILVA, L.; OLIVEIRA, L. O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu. **Revista FSA**, v. 14, n. 3, p.160–174, 2017.

SILVA, L. A.; PARRIÃO, K. R. Gênero e divisão sexual do trabalho: o cuidado e a responsabilidade dos filhos pela mulher, como expressão da desigualdade de gênero. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, p. 1475–1495, 14 jan. 2021.

SOUTO, V. S.; CASTELAR, M. PSICÓLOGAS NOS SERVIÇOS ESPECIALIZADOS DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 28 maio 2020.

SYKES, S.; HOPNER, V. Tradwives: Right-Wing Social Media Influencers. **Journal of contemporary ethnography**, v. 53, n. 4, 18 abr. 2024.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. [s.l.] Vozes, 2021.

VIEIRA; ZANUZZI; AMARAL. AS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO COMO OBSTÁCULOS PARA A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE FEMININA. **Perspectivas em Psicologia**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 65–85, 2016.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/37216>. Acesso em: 04/06/2024.

YAMAMOTO, O. H.; OLIVEIRA, I. F. DE. Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. spe, p. 9–24, 2010.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.